

## O USO DAS HQS EM SALA DE AULA: UMA ABORDAGEM COMPARATIVA NUMA ESCOLA MUNICIPAL NA CIDADE DE PICOS-PI

Josuer Pedrosa Pereira.<sup>1</sup>  
João Mathews de C. Rodrigues.<sup>2</sup>  
Westerson Moura Santos.<sup>3</sup>  
Francisco José Dias da Silva.<sup>4</sup>  
Francisco José Dias da Silva.<sup>5</sup>

### RESUMO

O artigo se pontua em analisar de forma comparativa a utilização da ferramenta história em quadrinhos em sala de aula, numa aula de História do Brasil, abrangendo o tema História das Grandes Navegações. Por meio empírico, compreender como os discentes se vinculam com a metodologia de ensino que lhes são postas e analisar como a absorção de conteúdos se difundem por dois métodos apresentados na pesquisa. O primeiro, uma abordagem convencional de ensino, na qual os alunos já têm contato e, no segundo, uma abordagem por utilização da ferramenta em história em quadrinhos (HQs). Este estudo está fundamentado nas obras de autores que escrevem sobre a temática em questão, o que dar a este trabalho um teor de cientificidade. Nesta análise, pôde-se compreender que a forma tradicional é eficaz, contudo, aponta algumas dificuldades na compreensão dos conteúdos pelos alunos. Nota-se, porém, como os HQs instigam uma participação maior com os conteúdos apresentados, resultando em uma aula mais prazerosa para os discentes e uma compreensão mais fácil de termos, datas e conceitos mais complexos.

**Palavras-chaves:** História em Quadrinhos, Ensino de História, Ensino Fundamental.

### INTRODUÇÃO

Procurando compreender como o uso das histórias em quadrinhos (HQs) podem propor uma aula mais prazerosa, instigar os alunos ao conhecimento de maneira mais prazerosa e

---

<sup>1</sup> Graduando em Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Piauí - UFPI, [josuerpedrosapereira02@gmail.com](mailto:josuerpedrosapereira02@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduando em Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Piauí - UFPI, [joomathews.jm123@gmail.com](mailto:joomathews.jm123@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduando em Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Piauí - UFPI, [westersonmoura@hotmail.com](mailto:westersonmoura@hotmail.com);

<sup>4</sup> Professor da Universidade Federal do Piauí - UFPI, [franjosedias@gmail.com](mailto:franjosedias@gmail.com);

<sup>5</sup> Orientador: Francisco José Dias da Silva: Mestre, Universidade Federal do Piauí - UFPI, [franjosedias@gmail.com](mailto:franjosedias@gmail.com)

ajudar os docentes a incrementar suas práticas pedagógicas, nos pautamos na empiria para analisar de forma comparativa a abordagem convencional de ensino e a utilização da ferramenta (HQs) como metodologia. O uso dos HQs como ferramenta didática, pode ser interpretado de várias formas, contudo analisa-se que o seu incremento, instiga os alunos para uma melhor compreensão de assuntos mais complexos:

No entanto, além desse uso “suavizante” dos quadrinhos nos livros didáticos e no processo avaliativo dos alunos, é possível defender outras aplicações, mais eficientes, dos quadrinhos no processo de aprendizado (SANTOS, 2001) que possibilitam, entre outras coisas, o incentivo à leitura, o aprendizado de línguas estrangeiras, a instigação ao debate e à reflexão sobre determinado tema, ou mesmo a realização de atividades lúdicas, como a dramatização a partir de uma história em quadrinhos (SANTOS, R. E.; VERGUEIRO, W, 2012. p.83-84).

Embora sua utilização esteja pontuada no Ministério da Educação e Cultura – MEC, e desde o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) de 2009, há disponibilidade de algumas obras HQs em colégios de ensino fundamental e médio, ainda podemos ver que o seu uso em várias escolas é pouco ou quase nulo. Nesse prisma, na elaboração do artigo buscamos em uma escola do ensino fundamental, no Município de Picos, Estado do Piauí, realizar uma intervenção pedagógica, com o intuito de comprovar se as utilizações dos HQs podem bonificar os alunos a absorverem de forma mais acessível, conceitos, termos e datas, por exemplo.

O contexto teórico de nossa pesquisa não se entende por fazer dicotomias negativas sobre o uso tradicional de ensino e as Hqs, mas temos em mente que as histórias em quadrinhos possibilitam um leque de informações, que propiciam o interesse dos alunos pela sala de aula, estimulam uma melhor aptidão a leitura e compreensão de assuntos.

Com o estudo de práticas pedagógicas que utilizam como recurso didático as HQs, buscamos objetivar que o seu uso pode modificar completamente os semblantes da sala de aula –os meios didáticos que instigam os alunos deviam ser utilizados com mais frequência nas salas de aula, porém ainda é pouco comum o uso recorrente a mídias de informações que posam, incrementar na aula, um ensino mais descontraído, eficaz e prazeroso, tal vez, o uso dessas ferramentas, junto com uma estrutura melhor nas escolas, facilitariam a permanência dos alunos nas salas de aula, pois o interesse pelas aulas seriam maior.

Buscamos na produção teórica e empírica do artigo, a visibilidade dos HQs como meio de impulsionar os professores a incrementar seus métodos e aos alunos, a melhorar todo o seu desenvolvimento de aptidões com a leitura, pois o ato de ler deve-se acontecer naturalmente. O

uso de HQs como quais quer outro meio didáticos e inovador de ensino não resolve todos os problemas educacionais nos país. Pois, mesmo que se tenham inovações tecnológicas na forma de ensino, não significa que são inovações pedagógicas, apenas um meio que possa ser utilizado para um incremento dos meios metodológicos já existente.

## **METODOLOGIA**

Propomos, a partir deste estudo comparativo, analisar as diferenças presentes entre o método tradicional de ensino e a metodologia com o uso das HQs, para que assim, compreendermos melhor as diferenças entre o uso de ambas, suas ligações e, principalmente, como as HQs podem auxiliar na matriz tradicional já implantada. Sendo assim, nos estimulamos a preparar uma intervenção pedagógica para que pudéssemos analisar, na prática, como de fato todas as questões que permeiam essa utilização das HQs se davam no âmbito escolar, ou seja, nos dispomos a analisar os mais minuciosos detalhes da prática pedagógica, desde os aspectos estruturais a comportamentais dos personagens que transitam pelo âmago da instituição.

A intervenção nos proporcionou analisarmos melhor alguns aspectos como a estrutura da escola, e como ela interfere no posicionamento dos alunos. Propomos também ver como os alunos reagiriam à ferramenta e se tinham algum conhecimento prévio para que pudéssemos partir para iniciar a aula propriamente dita. Ademais, tencionamos também perscrutar o nível de incentivo de outros métodos didáticos, sendo estes elementos feitos a partir da observação tanto da caracterização do ambiente escolar, das ferramentas utilizadas e do incentivo por parte dos profissionais de ensino ali presentes.

## **DESENVOLVIMENTO**

A escola tradicional em seu sentido literal significa conservar uma relativa tradição. Nesse interim, o termo “Pedagogia Tradicional” surge no contexto da Revolução Industrial no século XVIII, a partir do Iluminismo e da necessidade de intensificar o ensino humanístico de cultura geral. Segundo o conceito Iluminista, a educação traz em seu bojo um sistema de ensino que foi inspirado na ascensão das classes burguesas, a qual defende a educação como um direito universal de acesso ao conhecimento e a formação de cidadãos.

Esse ensino tradicional que ainda predomina hoje nas escolas se constituiu após a revolução industrial e se implantou nos chamados sistemas nacionais

de ensino, configurando amplas redes oficiais, criadas a partir de meados do século passado, no momento em que consolidado o poder burguês, aciona-se a escola redentora da humanidade, universal, gratuita e obrigatória como um instrumento de consolidação, da ordem democrática (Saviani, 1991. P.54).<sup>1</sup>

Nesse prisma, a “Pedagogia Tradicional” foi instituída no Brasil a partir da lógica de uma tendência pedagógica liberal, segundo Luckesi (1994, p.54), “[...] A educação brasileira, pelo menos nos últimos cinquenta anos, tem sido marcada pelas suas tendências liberais, nas suas formas ora conservadoras, ora renovadas.”<sup>2</sup> Em suma, nessa tendência o ensino é focado no indivíduo dissociado do seu aspecto social.

Enquanto tendência pedagógica que busca desenvolver o aluno para questões em que ele próprio terá de solucionar através do esforço individual, a escola então, seria a responsável pelo encaminhamento moral e intelectual do aluno para que ele possa assumir, assim, seu posicionamento na sociedade. Portanto, a escola tinha esse papel social de condução. Assim:

A pedagogia liberal sustenta a ideia de que a escola tem por função preparar os indivíduos para o desempenho de papéis sociais, de acordo com as aptidões individuais, por isso os indivíduos precisam aprender a se adaptar aos valores e as normas vigentes na sociedade de classes através do desenvolvimento da cultura individual. A ênfase no aspecto cultural esconde a realidade das diferenças de classes, pois, embora difunda a ideia de igualdade de oportunidades, não leva em conta a desigualdade de condições. (LUCKESI, 1994, p.55)<sup>3</sup>

Tendo a escola esse formato social de condução, o professor vai desempenhar um papel central no desenvolvimento do aluno, pois é ele que vai transmitir os conhecimentos, os conteúdos e as avaliações a serem ministrados em sala de aula, cabendo ao aluno ser apenas um mero receptor desses saberes transmitidos. Nesse contexto, na “Pedagogia Tradicional” se o aluno conseguir memorizar e reproduzir os conteúdos ensinados o mesmo estará apto na aprendizagem.

Portanto, temos uma aprendizagem meramente mecânica, pois os alunos são colocados em uma sala de aula para memorizar e tentar reproduzir os conteúdos programáticos, professor que tem um papel central discorre sua matéria como se os alunos não tivessem conhecimentos prévios, “como se eles fossem uma caixa vazia”. Tal aprendizagem desses conteúdos é testada

---

<sup>1</sup> SAVIANI, Demerval. *Escola e democracia*. 24. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

<sup>2</sup> LUCKESI, Cipriano Carlos. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Cortez, 1994.

<sup>3</sup> Idem

por meio de avaliações aplicadas mensalmente para testar a capacidade dos alunos, aqueles que acompanham estão aptos a passarem de uma série a outra, os que não conseguem ficam retidos.

Essa metodologia de aprendizagem, apesar das novas tendências que foram se desenvolvendo ao longo do tempo, ainda está muito presente em nossas escolas. Segundo Saviani (1991 apud Souza, 2012, p.10):

O método tradicional continua sendo o mais utilizado pelos sistemas de ensino, principalmente os destinados aos filhos das classes populares. Ao nosso ver, porém, uma análise da escola privada destinada às classes privilegiadas da sociedade chegaria à conclusão de que o ensino tradicional continua a ser o mais utilizado.<sup>1</sup>

Entretanto, mesmo esse método tradicional continuar sendo utilizado nas escolas brasileiras, atualmente existem outras metodologias que estão cada vez mais fazendo parte do cotidiano escolar, entre eles estão as histórias em quadrinhos (HQ) que servem para chamar a atenção dos estudantes, além fomentar o gosto pela leitura.

A priori, antes de nos debruçarmos verdadeiramente na história dos quadrinhos, mesmo que de forma breve, faz-se necessário uma pequena explicação do que são as HQS, que, de acordo com McCloud, podemos chamá-las de: “figuras justapostas ou outra sequência deliberada de imagens que contenham informações e/ou produzem uma resposta estética para o espectador” (MCCLOUD, 1993, p. 9).

Em suma, uma ferramenta amplamente distinta e que possui sua própria linguagem, riqueza de possibilidades; enfim, sua especificidade; ao contrário do que foi socialmente aceito por muitas décadas, fato que pode muito bem ser percebido ainda na contemporaneidade (um preconceito corriqueiramente presente) e, mais ainda, se analisarmos a chegada das HQS aqui no Brasil, ou seja, seu percurso histórico.

No que tange às primeiras décadas de penetração das HQS entre os anos de 1940 e 1960, é possível perceber um desmerecimento agudo dessa ferramenta, uma espécie de “xenofobia midiática” proferida pelas classes mais conservadoras da sociedade, vinculadas a certos órgãos de poder, que, frequentemente, atrelavam determinado conjunto de práticas subversivas e o baixo rendimento escolar a leitura das HQS.

Nesse sentido, encomendado estudos para comprovar essa associação e, para agravar mais situação, tinha-se, além do mais, pronunciamentos nacionais publicados pelo Instituto

---

<sup>1</sup> Souza, Fernanda Setti Ulson de. *Aprendizagem Baseada em Problema*: seria essa uma metodologia de ensino possível de ser aplicada ao Ensino Fundamental? Campinas, SP: [s.n.], 2012 Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?view=000897611> Acesso em: 17 setembro de 2019.

Nacional de Estudos Pedagógicos (BRASIL, 1946), alertando os pais para os perigos proporcionados por esse novo material. Mas, felizmente, tal perspectiva não se ateve por muito tempo a essa lógica restritiva.

Conforme o tempo foi passando novos parâmetros foram acrescentados e antigos preconceitos acabaram sendo esfacelados, as HQS ganharam popularidade e o mundo foi se tornado mais interdisciplinar, tivemos o surgimento de novos métodos e objetos, e isso, Principalmente com emergência da aclamada escola dos Annales, mais especificamente sua terceira geração, que deu margem para essas novas formas de fazer história, permitindo, assim, a aparatos como os quadrinhos – um produto cultural- se injetarem nos mais variados ângulos da sociedade, até mesmo na sala de aula.

Os próprios professores começaram a “enxergar com outros olhos”, como diz Ramos (2009): “[...] Quadrinhos, hoje, são bem-vindos nas escolas. Há até estímulo governamental para que sejam usados no ensino” (RAMOS, 2009, p. 17), não sendo, inclusive, nem necessário ser um grande conhecedor para implementá-las em sala de aula.

Entretanto, vale ressaltar – apesar de considerarmos esse método mais atrativo, não significa dizer que é a solução para tudo e nem que ela dispensa o uso de uma outra, ela é um meio assim como todos os outros que permitem a prática do ensino. Portanto, acoplar essa ideia de que atratividade dos quadrinhos chamará a atenção dos alunos por conta da desmotivação destes com métodos tradicionais de ensino é algo por demais exagerado; esse déficit de atenção pode ser elencado a uma multiplicidade de fatores, pensá-lo em um circuito tão pequeno seria um erro.

Portanto, diante de tudo que foi dito, podemos dizer que: “As histórias em quadrinhos possuem uma linguagem própria. Esta linguagem tem uma história, desenvolveu-se ao longo dos tempos, modificou-se, aperfeiçoou-se, continua a evoluir (NETO; 2011)”.

## **RESULTADO E DISCUSSÃO**

A partir da experiência de aplicação da ferramenta em sala de aula, podemos dizer que, em um contexto geral, foi algo positivo, aliás, acima do esperado. Levando em conta todo o ambiente que se configurou em nossa volta. Dessa maneira, preludiando a aula e - com os olhares voltados para nós - nossa intervenção toma corpo, as primeiras palavras foram ditas, o relógio começa a andar, e logo percebemos que a compreensão e participação dos alunos foi dividida em dois momentos; no primeiro notou-se que alguns alunos estão mais atentos, pois os estranhos chamam atenção e o perfil da abordagem tradicional de ensino já os é conhecido,

eles sabem que requer uma atenção minuciosa, pelo menos no momento inicial. Os alunos que demonstraram estar menos atentos também evidenciavam certo esforço para a compreensão do assunto que lhes foi apresentado, porém com uma atenção distorcida, tal vez isso seja pelo fato de terem dificuldades com a matéria, medo ou vergonha de pedir ao docente para repetir a explicação.

A sala em si demonstrou interesse pela aula, contudo, notamos que havia uma grande dicotomia entre eles em nossa explicação de método tradicional, houve interações mais cautelosa, com menos colocações e contribuições para aula e dúvidas demonstradas no perfil de cada um. Ao decorrer do tempo, observamos que muitos estavam mais atentos em certos pontos da aula, essa atenção se entrelaça com os pontos altos e baixos apresentados no decorrer da aula, principalmente quando apresentamos: termos, datas, nomes e conceitos, sendo alguns destes mais absorvidos, talvez por determinado conhecimento já prévio do assunto. Para outros, foi mais trabalhoso para se compreender, fato que tornou perceptível quando fizemos uma leitura em voz alta, uma aluna apresentou dificuldades para difundir os algarismos romanos, e a turma coletivamente à ajudou a situar-se corretamente.

Observamos então que, em meio a todo esse contexto, os discentes demonstraram interesse por novos conhecimentos a serem adquiridos, possivelmente sabiam da importância destes métodos para uma formação e da cidadania. Porém, notasse que numa aula com alguns perfis de uma abordagem de ensino tradicional há uma deficiência na compreensão dos assuntos que resulta, em certos casos, de um perfil de analfabetismo funcional, pois o simples fato de se dar os conteúdos aos alunos e fazer com que eles passem de ano não proporciona resultados positivos.

Por meio desse contexto, direcionamos o segundo momento da aula, o incremento dos HQS, como uma forma de se revisar o conteúdo que foi dado. No primeiro contato com as histórias em quadrinhos-HQS, a turma inteira se manifestou, alguns até perguntaram: “ e dá para estudar por eles? ” Com isso observamos que os alunos mudaram completamente a fisionomia e as participações começaram a emergir naturalmente, não foi preciso para nós pedir para eles falarem algo sobre os HQS, pois todos queriam compartilhar um pouco do que sabiam.

Dando continuidade, traçamos um comparativo com o xadrez, e como seu uso pode melhorar a compreensão matemática e lógica, por exemplo, explicamos aos alunos como a utilização dessa ferramenta, assim como xadrez, iria bonificar a compreensão de assunto em

sala de aula. O uso de HQs da turma da Mônica, e alguns de autoria desconhecidas acoplados fontes do site quadrinhos brasileiros foram usadas na aula para ajudar na explicação dos conteúdos.

Antes de demonstrar os quadrinhos, selecionados para aula, explicamos a turma que existem, várias HQs que podem bonificar suas compreensões sobre conteúdos didáticos, estimular uma melhor leitura e compreensão de texto, pelo recurso visual, enredo, problematização e conclusão, em uma pequena história, contudo explicamos que eles devem antes de tudo, fazer um recorte de assuntos, e separar os que podem ou não contribuir.

A grande parte da turma começou a ler os quadrinhos em voz alta para os demais colegas de sala e fazer anotações de termos, datas e nomes, que eram de crucial importância para o assunto que estavam estudando. Vários discentes falavam - como era mais fácil - instigador e diferente, ler os termos históricos daquela maneira, eles disseram “ é uma linguagem mais fácil, chama mais atenção”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da aula, o uso dos HQs foi feito após a finalização da aula tradicional, o que tornou os alunos mais dispostos a analisar as imagens, a ler e a compartilharem informações. A interação foi ocorrendo naturalmente, sem medo, sem timidez, vimos uma aula mais descontraída, laica em explicação, porém, cheia de informações importantes.

Desse modo, por meio desse estudo comparativo, não visamos somente problematizar a abordagem tradicional apresentando pontos negativos, pois também entendemos que o método tradicional tem suas vantagens e, além disso, este já está implantado.

Portanto, não tínhamos em mente a simples exaltação das HQs, consideramos está como uma ferramenta de ensino como todas as outras, porém, tendemos a puxar um pouco para seu lado, tendo em vista nossa relação de proximidade com essa mídia.

## REFERÊNCIAS

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

McCLOUD, Scott. **Understanding Comics: the Invisible Art**. Nova York: Harper Collins, 1993.

NETO, Elydio dos Santos; SILVA, Marta Regina Paula da. Dez considerações para professores que desejam trabalhar com histórias em quadrinhos. In: SANTOS, Neto, Elydio dos; SILVA, (Orgs). **História em quadrinhos**. 2011.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

SANTOS, R. E.; VERGUEIRO, W. **Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado**: da teoria à prática. EccoS, São Paulo, n. 27, p. 81-95. jan./abr. 2012.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

SOUZA, Fernanda Setti Ulson de. *Aprendizagem Baseada em Problema*: seria essa uma metodologia de ensino possível de ser aplicada ao Ensino Fundamental ? Campinas, SP: [s.n.], 2012 Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?view=000897611>  
Acesso em: 17 set 2019.